



POLÍTICA OPERÁRIA

A greve da GM se encontra em momento decisivo

OU VAMOS PARA A MOBILIZAÇÃO UNITÁRIA, OU A GREVE PASSIVA ACABARÁ EM UM ACORDO DE DEMISSÃO

A nossa greve contra as demissões realizadas pela GM de São Caetano do Sul, Mogi das Cruzes e São José dos Campos foi parar na mão da Justiça do Trabalho. Aí mora o perigo. O jogo nesse campo favorece inteiramente a GM. As direções sindicais da greve estão apostando em um acordo que acabará resultando em demissões.

A posição de que existem “reiteradas decisões judiciais que consideram que as demissões coletivas devem ser negociadas com o sindicato” indica que nossa greve corre perigo, se não romper o cordão de passividade que está nos sufocando.

Não basta manter as três unidades da GM paralisadas e realizar assembleias para somente ouvir discursos da direção de que está havendo negociação na Justiça do Trabalho. E que os sindicatos estão conversando com os Ministro do Trabalho de Lula e o prefeito de São Caetano. O problema não está em exigir dos governantes que interfiram na decisão da GM para revogar as demissões. O problema está em acreditar que o Ministro e o prefeito vão de fato ficar do lado dos grevistas. O problema está, portanto, na greve passiva que espera do Ministério do Trabalho e dos governantes uma solução favorável à nossa greve.

A greve ativa é aquela que realiza manifestações de rua, que protesta nas portas das fábricas exigindo o apoio dos demais sindicatos e das centrais e que se prepara para ocupar a fábrica em defesa dos empregos. Nada disso tem sido feito. E assim passivamente ficamos esperando o resultado das negociações na Justiça do Trabalho e a falsa bondade dos governantes.

O Boletim Nossa Classe tem feito a campanha pela greve ativa e combativa. Tem chamado os operários de



outras fábricas a apoiarem a greve na GM. Agora, vem diante dos grevistas alertar para o perigo de nossa greve ser colocada nas mãos da Justiça do Trabalho, que é patronal. Ao contrário, a greve tem de continuar em nossas mãos e aumentar sua capacidade de mobilização e luta. Temos de afirmar:

1) que não queremos um acordo de demissão, mas sim a revogação de todas as demissões;

2) que os demitidos não sejam separados na assembleia dos companheiros que não foram demitidos, como vem acontecendo em São Caetano;

3) que a assembleia aprove um plano de mobilização para acabar com a passividade da greve;

4) que diante da inflexibilidade da GM, organizar a ocupação das fábricas e partir para a mobilização nos corredores fabris para que a classe operária como um todo venha ao nosso socorro;

5) temos de denunciar o apoio apenas em palavras das centrais sindicais, da Federação dos Sindicatos Metalúrgicos da CUT e da Federação dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo e exigir que mobilizem de fato os sindicatos para defender a greve.

EMPREGO NÃO SE NEGOCIA, SE DEFENDE COM LUTA

Na audiência, durante a Mediação Coletiva do Trabalho, realizada no dia 27, a GM manteve seu objetivo de demitir cerca de 1200 metalúrgicos. Novas negociações virão, para que a Justiça do Trabalho decida sobre as demissões e nossa greve.

Estamos cansados de ver essa novela, que no final das contas acaba em demissão mediante algumas migalhas que serão concedidas pelo patronato. As direções sindicais mantêm a greve em banho-maria e levam as assembleias a aguardarem o acordo que favorecerá a empresa.

Nós operários demitidos e não demitidos temos de nos manter unidos e em greve sob a bandeira de “Emprego não se negocia, se defende com luta”.

O Boletim Nossa Classe nunca abriu mão da defesa dos postos de trabalho, dos empregos e dos salários. Isso porque aí está a fonte de existência do trabalhador e de sua família. Por isso nunca deixou de lutar com a bandeira de Emprego não se negocia, se defende com luta. ■

NADA DE ASSEMBLEIA DIVIDIDA ENTRE DEMITIDOS E NÃO DEMITIDOS

A direção do sindicato de São Caetano mantém os grevistas separados na assembleia. Os demitidos ficam fora da fábrica e os não demitidos no pátio da fábrica. Essa divisão mostra que a direção sindical aceita a imposição da GM. Incentiva os não demitidos permanecerem na passividade e os demitidos já se sentirem desligados de seus companheiros de trabalho.

Os operários que não foram demitidos são fundamentais para a luta contra as demissões. Sem uma grande unidade entre demitidos e não demitidos, não há como derrotar o patronato. Mais ainda: os operários em greve devem se mobilizar para

que os demais trabalhadores se solidarizem e exijam dos seus sindicatos que levem a bandeira contra o desemprego e que se coloque pela reivindicação de redução da jornada sem reduzir os salários.

O Boletim Nossa Classe defende que se realize assembleias na GM de São Caetano com todos os operários juntos e firmemente unidos sob a reivindicação de cancelamento imediato de todas as demissões. Vamos, companheiros, fortalecer a bandeira de Emprego não se negocia, se defende com luta. ■

Chamado do Boletim Nossa Classe aos sindicatos e centrais

As 1200 demissões na GM são parte da destruição de postos de trabalho, que vem crescendo há muito tempo. É necessário lembrar a onda de fechamento de fábrica e de demissões durante a pandemia. O fechamento da Ford sem que houvesse luta do Sindicato Metalúrgico mostrou que as direções sindicais submetidas aos capitalistas já não lutam pelos empregos. Isso para ficar apenas no caso escandaloso do fechamento da Ford.

Os operários estão cada vez mais descontentes com os sindicatos, mas a culpa não é dos sindicatos, mas sim das direções que se apelegaram. Os inúmeros acordos de layoff, banco de horas e PDVs somente serviram às demissões e à proteção do lucro dos capitalistas. Mais uma vez, agora, com as demissões na GM, as direções recorrem ao acordo de layoff, que de forma alguma protege os trabalhadores diante das demissões. O layoff é o caminho que as grandes empresas apresentam para realizar o plano de demissão.

O Boletim Nossa Classe sempre lutou contra os acordos de flexibilização capitalista do trabalho, que consiste nos layoff, banco de horas, PDVs e outros. Sempre alertou os trabalhadores de que esses acordos são a forma das direções de nossos sindicatos abrirem mão da luta pelos empregos e pela redução da jornada de trabalho sem reduzir os salários. A greve da GM está mais uma vez nos mostrando que a luta pelos empregos é a luta pela sobrevivência de milhões de trabalhadores e suas famílias, que são empurrados para o subemprego, a informalidade e, assim, para a pobreza e a miséria. O Boletim Nossa Classe chama os sindicatos e centrais para saíam em defesa da greve da GM, abandonem os acordos de flexibilização capitalista do trabalho e unifiquem empregados e desempregados em torno à redução da jornada de trabalho sem reduzir os salários, para que todos tenham emprego. ■

Todo apoio à luta dos metroviários contra as demissões

O governador Tarcísio demitiu as lideranças da greve, que exigiu o fim das privatizações do Metrô, Sabesp e CPTM. É preciso que as assembleias da greve da GM se coloquem pela reintegração imediata dos companheiros demitidos. E que se coloquem pelo fim das privatizações, terceirizações e pela defesa dos serviços públicos.

O Boletim Nossa Classe faz campanha pela reintegração dos companheiros demitidos e pela volta da greve unificada dos três setores, para derrotar o plano privatista de Tarcísio. ■

Todo apoio ao povo palestino contra o massacre do Estado sionista de Israel sobre a Faixa de Gaza

**QUE OS SINDICATOS E CENTRAIS
CONVOQUEM UMA GRANDE
MANIFESTAÇÃO E MARCHA PELO FIM
DO MASSACRE E DA INVASÃO DAS
FORÇAS DE ISRAEL NA FAIXA DE GAZA
CONSTITUIR UMA FRENTE ÚNICA ANTI-
IMPERIALISTA**

A classe operária e os demais trabalhadores têm o dever de lutar do lado dos palestinos oprimidos e contra o poderoso Estado sionista de Israel opressor.

Pelo imediato fim dos ataques e da invasão à Faixa de Gaza! Pelo direito de autodeterminação do povo palestino! Pela união dos trabalhadores no mundo inteiro para derrotar a burguesia sionista, os Estados Unidos e a aliança imperialista que colonizam e massacram os palestinos! ■

O Boletim Nossa Classe é elaborado e distribuído pelo Partido Operário Revolucionário (POR).
Só depende das contribuições da classe operária. Seu objetivo é organizar a luta dos explorados em
defesa das suas condições de existência, pelo fim do capitalismo e construção da sociedade socialista.

ACESSO O NOSSO
SITE E REDES SOCIAIS
ATRAVÉS DO QR CODE

